

É santa ou não é? O caso dos “santos cassados” e a devoção a Santa Bárbara em Salvador-BA

Is it saint or is it not? The case of the “revoked saints” and the devotion to Saint Barbara in Salvador-BA

*Vagner José Rocha Santos**

Resumo

A partir da hagiografia de Santa Bárbara, este artigo aborda as várias versões sobre a história da santa que viveu possivelmente durante o século III, na Nicomédia. Entretanto, após a realização do Concílio Vaticano II, um decreto papal retirou Bárbara (e dezenas de outros santos) do calendário geral da Igreja Católica. A falta de comprovação histórica sobre a sua real existência foi um dos motivos para a adoção de tal medida, que ficou conhecida como o caso dos “santos cassados”. Quando isso aconteceu, o culto à mártir degolada pelo pai já era bastante difundido em várias partes do mundo, inclusive em Salvador-BA. A partir de periódicos da época, o texto analisa as repercussões do fato e as peculiaridades da devoção a Santa Bárbara na capital baiana, observando principalmente sua estreita relação com as religiões afro-brasileiras. Ao analisar o contexto histórico da eclesiologia do Concílio Vaticano II e as características da referida devoção em Salvador, o artigo aborda temas como sincretismo religioso, duplo pertencimento e devoção popular. Desta forma, o trabalho visa propiciar algumas reflexões em torno da figura de Bárbara, santa que possui muitos devotos na atualidade.

Palavras-chave: Santa Bárbara. Iansã. Eclesiologia. Santos cassados. Salvador-BA.

Abstract

From the hagiography of St. Barbara, this article addresses the various versions of the story of the saint who lived possibly during the third century in Nicomedia. However, after the Second Vatican Council, a papal decree removed Barbara (and dozens of other saints) from the general calendar of the Catholic Church. The lack of historical proof of its real existence was one of the reasons for the adoption of such a measure, which became known as the “revoked saints”. When this happened, the cult of the father-beheaded martyr was widespread in many parts of the world, including Salvador-BA. From periodicals of the time, the text analyzes the repercussions of the fact and the peculiarities of the devotion to Santa Bárbara in the Bahian capital, observing mainly its close relation with Afro-Brazilian religions. In analyzing the historical context of the ecclesiology of the Second Vatican Council and the characteristics of this devotion in Salvador, the article deals with themes such as religious syncretism, double belonging and popular devotion. In this way, the work aims to provide some reflections around the figure of Barbara, a saint who has many devotees today.

Keywords: Saint Barbara. Iansã. Ecclesiology. Revoked saints. Salvador-BA.

* Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). E-mail: vagner.rocha31@gmail.com

Introdução

*“Ninguém procurou saber se Santa Bárbara era cassada ou não.
O Mercado da Baixa dos Sapateiros ficou todo embandeirado
e o altar de Iansã cheio de velas”.*
(Trecho da matéria do Jornal A Tarde de 05/12/1970)

Virgem e mártir, Bárbara é uma santa bastante popular entre católicos de várias partes do mundo. Sua história de sofrimento e morte por não renunciar à fé cristã fez com que a devoção em torno da sua figura atravessasse os séculos, chegando aos dias atuais. Contudo, é muito difícil fazer um levantamento histórico da vida de Bárbara e as versões da sua biografia são resultado de relatos populares que foram sendo difundidos entre seus devotos.

Tanto assim que, no final dos anos 1960, o então papa excluiu Bárbara e mais dezenas de santos do Calendário Geral da Igreja Católica Apostólica Romana. Seguindo a lógica do Concílio Vaticano II, uma das medidas resultantes da eclesiologia¹ que vigorava em Roma foi a revisão da lista de santos católicos, retirando dela aqueles que não possuíam comprovação histórica de existência e/ou eram santos de devoção local, particular.

Bem antes disso, ainda no século XVII, um casal português trouxe uma imagem (e a devoção) de Santa Bárbara para Salvador-BA. A festa que já passou por alguns locais da cidade é realizada anualmente no dia 4 de dezembro, quando se observa a tradição de servir caruru de promessa em honra à santa. Além disso, a festa na capital baiana possui outras particularidades, como uma estreita relação com as religiões de matriz africana (do mesmo modo que acontece com outras festas populares em Salvador, a exemplo da Lavagem do Bonfim).

A partir desses três aspectos: biografia, eclesiologia e devoção, o presente artigo pretende suscitar algumas reflexões em torno da figura de Bárbara, compreendendo os processos e fatos históricos que resultaram na devoção que conhecemos hoje. Ao longo do texto, será possível constatar a importância dos santos de devoção, em especial Santa Bárbara, na vida de fiéis que recorrem à santa não somente através de orações e missas, mas também prometendo acarajés e carurus.

1. Quem foi Bárbara?

Se há uma assertiva que se pode fazer quanto à vida de Santa Bárbara é que ela é cercada de muitas incertezas. A dificuldade em achar registros sobre a história da santa deve-se justamente à antiguidade dos relatos que narram a sua existência. Por isso mesmo torna-se muito difícil discernir os fatos verídicos dos relatos imaginados. Apesar disso, a jovem mártir é bastante popular na hagiografia cristã desde a chamada Igreja primitiva (séc. I d.C. até o ano 325).

No Brasil, existem vários municípios que levam o nome da mártir católica, como por exemplo: Santa Bárbara (Bahia e Minas Gerais), Santa Bárbara d'Oeste (São Paulo), Santa Bárbara do Sul (Rio Grande do Sul) e Nova Santa Bárbara (Paraná). “Pela popularidade, ela teve que pagar o tributo à imaginação do povo, dos escritores, dos artistas que teceram, ao redor de sua figura histórica, numerosos aspectos lendários” (Conti, 2006, p. 644).

O mais provável é que a jovem Bárbara tenha vivido no século III d.C., na região da Nicomédia (Ásia Menor)². De família rica, seu pai era alto funcionário do Imperador e toda família cultuava os deuses pagãos. Irnéria preocupava-se com a educação da filha e “os pais de Bárbara insistiam para que ela ocupasse seu tempo com os estudos, e não deixasse de oferecer os sacrifícios aos deuses do Império” (Tommasi, 2014, p. 8).

Nesse período, o cristianismo já havia alcançado o Império Romano e muitos se convertiam e eram batizados. Em função da perseguição e assassinato dos cristãos, os neófitos costumavam se reunir em locais secretos para rezar. A jovem Bárbara foi uma das pessoas da Nicomédia que se converteram ao cristianismo. Parece que foi através de um dos seus professores que Bárbara descobriu a fé cristã.

A tradição nos conta que a jovem foi batizada por um discípulo de Orígenes, que morava em Alexandria (Egito), o qual, a pedido de Bárbara, viera até sua casa. A partir desse dia, a jovem se comprometeu a servir só ao verdadeiro Deus, nem que isso lhe custasse a vida. (Tommasi, 2014, p. 11)

Sobre o batismo de Bárbara, Monique Augras (2005) pondera que existe mais uma versão para esse acontecimento na vida da jovem.

Outra tradição assegura que ela estava rezando em seu jardim, quando uma fonte jorrou de repente, e São João Batista apareceu,

para batizá-la. Logo em seguida, surge um rapaz belíssimo, que lhe dá um anel de ouro, signo de casamento, junto com uma palma que, como todos sabemos, é símbolo de martírio. (Augras, 2005, p. 149)

Mesmo sem sair de casa, Bárbara recebia notícias através de suas amigas cristãs e rezava pela alma dos cristãos sacrificados que só fazia aumentar. Um centurião, de nome Aleixo, interessou-se pela jovem, mas ela negou as investidas do pretendente, afirmando que sua vida pertencia a Jesus.

Dióscoro, seu pai, bastante ciumento e buscando evitar o interesse de possíveis pretendentes, ordenou que fosse construída uma torre onde trancaria a filha sempre que estivesse em viagem. “Conta a tradição que a torre, projetada por seu pai tinha duas janelas. Bárbara, ao ter conhecimento do fato, pediu ao construtor que aumentasse para três janelas. Assim, ela pensava honrar a Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo” (Tommasi, 2014, p. 13). Em outra lenda sobre a santa, ao invés da torre, o cativeiro de Bárbara foi um jardim, onde era mantida trancada pelo pai.

A juventude e a beleza de Bárbara não impediram que ela optasse por viver a virgindade, como resposta de amor e doação a Jesus. “Casada com Jesus por secretas núpcias, Bárbara recusa todos os pretendentes apresentados por seu pai. Saindo da clandestinidade, passa a quebrar as estátuas dos deuses, e desenha o sinal da cruz em toda parte” (Augras, 2005, p. 149).

Alguns relatos dizem que o pai de Bárbara ficou viúvo muito cedo e, por este motivo, dedicou toda a sua atenção à única filha. Enquanto umas versões da história afirmam que Dióscoro não queria que a filha tivesse contato com nenhum homem, outras relatam que ele desejava um casamento honroso para ela. O fato é que, quando descobriu sua conversão ao cristianismo, ficou furioso e agrediu Bárbara com uma bofetada. Mandou ainda trancá-la na torre, sem contato com ninguém.

Conta a tradição cristã que, certo dia, foram dizer a Dióscoro que sua filha havia favorecido a fuga da prisão de sua amiga Mônica. Ele ficou furioso...resolveu ir até a torre e forçar Bárbara a prestar homenagem ao “deus” Júpiter.

Diante da recusa da filha, ficou cego de ódio e decidiu matá-la com suas próprias mãos. Ao levantar a espada para feri-la, uma força misteriosa arrancou Bárbara de suas mãos. A parede, onde não havia nenhuma porta, abriu-se... e a jovem passou por ela, saindo ilesa. (Tommasi, 2014, p. 17)

Ainda segundo esta versão da vida de Bárbara, depois disso, a porta desapareceu e Dióscoro mandou que seus soldados fossem em busca da filha por toda cidade. Livre da torre, Bárbara visitou doentes, ajudou filhos de escravos, fez caridade, etc. Até que ela foi encontrada pelo centurião Aleixo e seus soldados numa gruta. Sem resistir à prisão, Bárbara foi levada até o pai que a denunciou à justiça por ser cristã.

Mesmo diante dos juizes, a filha de Dióscoro não renegou a fé cristã e foi condenada. Sua mãe Irnéria ainda tentou convencer o marido do contrário, mas foi em vão. Na prisão, Bárbara foi chicoteada, torturada, e ainda assim permaneceu firme na fé cristã.

Conta a tradição cristã que, num momento de grande oração, uma luz desceu do alto, iluminando as trevas da prisão. E uma voz lhe disse: “Bárbara, você está sofrendo por mim. Vou confundir seus perseguidores, curando suas feridas”. A visão desapareceu, e a jovem sentiu-se cheia de alegria ao perceber que as feridas de seu corpo haviam desaparecido completamente. (Tommasi, 2014, p. 20)

A tradição relata ainda que houve também uma tentativa de tortura com fogo, mas as chamas que atearam contra Bárbara foram milagrosamente apagadas antes de queimar o seu corpo casto. De acordo com a história da santa relatada por Servilio Conti (2006),

Bárbara suportou o processo com firmeza e altivez cristã, protestando sua fidelidade a Cristo, a quem tinha consagrado sua virgindade. Era o tempo do Imperador Maximiano, nos primeiros anos do século IV. O juiz, vendo a obstinação da jovem cristã em professar a fé, mesmo depois de aplicadas cruéis torturas, pronunciou a sentença de morte. (Conti, 2006, p. 646)

Então, seu pai ordenou que ela fosse novamente chicoteada em via pública e pediu permissão à justiça para ele mesmo matar a filha à espada. “Chegando ao lugar sobre um monte (...) a espada de Dióscoro levantou-se no ar e atingiu o pescoço de Bárbara que, serenamente, entregava a Deus a sua vida” (Tommasi, 2014, p. 22).

Sobre o martírio dos primeiros cristãos, Augras (2005) esclarece que nos primórdios do cristianismo, os santos eram basicamente os mártires e que os relatos acerca da vida das pessoas que aceitaram morrer em nome da fé eram bastante divulgados entre os membros das primeiras comunidades.

Não constitui ofensa à memória dos membros das primeiras comunidades cristãs supor que as cartas lidas eram comentadas, que as informações eram passadas de boca em boca, como se diz, e que, à medida que eram repetidas, acabavam se afastando do relato original, e se carregavam de elementos cada vez mais fantasiosos. Ora toda fantasia tem uma dupla origem: de maneira disfarçada, expressa, ao mesmo tempo, temor e desejo. (Augras, 2005, p. 17)

Durante os primeiros séculos do Império Romano religião e sistema político não se separavam da vida social. Ao fazer essa contextualização histórica, Augras (2005) pondera que

Se os primeiros cristãos foram martirizados, isso não se deu – conforme a imagem que muitos relatos piedosos tendem a nos impingir – em função dos diabólicos caprichos de imperadores particularmente sádicos. Foi porque a sua recusa inequívoca de sacrificar nas festas em honra ao imperador constituía um ato inaceitável de oposição aos valores mais essenciais que mantinham o Império coeso. (Augras, 2005, p. 19)

Se antigamente era muito mais rápido o intervalo de tempo entre a morte e a canonização e o consenso popular era preponderante na definição dos santos, com o passar do tempo, o processo de canonização tornou-se muito mais demorado, os santos deixaram de ser pessoas comuns que viveram conforme os ensinamentos de Deus e transformaram-se em super-heróis. Similar à vida de outros mártires, as circunstâncias que resultaram na morte de Bárbara são repletas de elementos lendários.

O martírio de Santa Bárbara segue o roteiro já nosso conhecido, no qual o acúmulo de sevícias é deveras inacreditável. A jovem é sucessivamente açoitada, recortada por garras de ferro, pendurada pelos pés, mas se mantém a salvo. Os carrascos a queimam, arrancam-lhe os seios, e assim por diante, mas ainda não morre, então é preciso cortar-lhe a cabeça, o que é feito pelo próprio pai. (Augras, 2005, p. 149)

Ademais, o martírio de Bárbara teve um desfecho surpreendente, já que o seu algoz acabou tendo uma morte violenta.

A história de Bárbara poderia ter findado aí. Mas esse conto tem um diferencial: logo após a degola da moça, o céu se fechou em nuvens e um raio atingiu Dióscoro, matando-o também. Esta é uma das versões da vida da santa, que ficou conhecida como a mártir morta pelo próprio pai. (Nascimento, 2010, p. 26-27)

Algumas versões da história afirmam que o pai de Bárbara foi atingido por um raio e caiu morto. Outras versões relatam que, após ser atingido pelo raio fulminante, Dióscoro virou cinzas que se espalharam, sem deixar vestígios. O certo é que, por causa desse raio, Santa Bárbara tornou-se protetora contra as tempestades. Em função da sua morte trágica e dos episódios que marcaram o seu martírio, ela é invocada também contra os perigos de raios, trovões, explosões, etc., e tornou-se a padroeira do Corpo de Bombeiros, Mineiros e Artilheiros.

Sempre retratada com um longo vestido vermelho, “na iconografia cristã Santa Bárbara é geralmente apresentada como uma virgem, alta, majestosa, com uma palma significando o martírio, e um cálice como símbolo de sua proteção em favor dos moribundos e ao lado uma espada, instrumento de sua morte” (Conti, 2006, p. 646). Em outra representação muito comum da santa, além da espada (ou palma) na mão, é possível ver uma torre aos seus pés – uma alusão ao local do seu cativo.

“O culto de veneração de Santa Bárbara passou para o Ocidente, sobretudo em Roma, onde desde o século VII se multiplicaram as igrejas e oratórios dedicados a seu nome” (Conti, 2006, p. 646). Segundo a hagiografia da santa constante no site da Sacra Arquidiocese de Buenos Aires e Exarcado da América do Sul³,

No século VI, as relíquias da Santa Mártir Bárbara foram trasladadas para Constantinopla. No século XII, a filha do Imperador Bizantino Aleixo Comenes, a princesa Bárbara, após contrair matrimônio com o príncipe russo Miguel Izyaslavich as trasladou para Kiev, capital da atual Ucrânia. Hoje suas santas relíquias descansam na Catedral de São Valdomiro em Kiev.

2. O caso dos “santos cassados”

A impossibilidade de realizar um levantamento histórico sobre a vida de Bárbara, aliada aos relatos fantásticos sobre a sua existência, ameaçou o título de santidade da virgem que antes de morrer foi martirizada, teve os seios arrancados e caminhou nua pela cidade por não renunciar à fé cristã. A devoção que atravessou os séculos e chegou às Américas no século XVI, por influência de espanhóis e portugueses, foi contestada pelo Vaticano há cerca de 50 anos.

De acordo com Augras (2005), a Igreja Católica ao longo do século XX tentou acabar com a devoção a santos com histórias muito fantasiosas. Além de Santa Bárbara, São Jorge também foi ameaçado de perder o título de santo. No caso de São Jorge, por exemplo, Augras (2005) explica:

Houve, no decorrer do século XX, algumas tentativas de acabar com o culto de santos por demais lendários. Foi o caso de São Jorge, cuja vida, é verdade, parece estreitamente inspirada no mito grego de Perseus. Mas o fervor popular decidiu de outro modo, e ainda que nada se tenha hoje que possa assegurar que São Jorge realmente existiu, continua sendo cultuado em toda a cristandade. (Augras, 2005, p. 23-24).

Essa tentativa de eliminar vários santos do calendário litúrgico aconteceu no final da década de 1960. Sucessor do Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, Paulo VI foi o pontífice responsável por excluir do calendário da Igreja Católica Apostólica Romana santos de existência duvidosa. O então papa, visando melhorar as relações com outros segmentos cristãos e seguindo uma política ecumênica, excluiu do calendário litúrgico as celebrações aos santos que não possuíam documentação histórica, somente relatos tradicionais. Antes de esclarecer melhor o ocorrido, é importante compreender o contexto sócio histórico e a eclesiologia que dominava no período.

O Concílio Vaticano II foi um marco na história da Igreja Católica Apostólica Romana. A sua realização (1962-1965) buscou refletir sobre três pontos principais: 1. Uma Igreja aberta ao mundo atual; 2. Uma Igreja povo de Deus; e 3. Uma Igreja local ou particular (Teixeira, Silva, 2010). A partir desses eixos, observou-se que a Igreja não deveria continuar voltada para si mesma, mas aberta ao diálogo (inclusive ecumênico), e centrada no povo de Deus, ao invés de focar na hierarquia. Com isso, atenuou uma visão centralizadora de Igreja, valorizando o episcopado local que atua em sintonia com a Igreja universal (Papa).

De acordo com o *Lumen Gentium*⁴, este concílio reavaliou a missão da Igreja no mundo moderno, repensando sua atuação. Ou seja, a eclesiologia desse período possibilitou uma nova reflexão da Igreja por ela mesma. Ao deixar de ser uma “sociedade perfeita”, como era considerada até finais do século XIX, início do XX, a Igreja passou a valorizar o batismo como o sacramento que iguala todos os cristãos. A eclesiologia do Concílio Vaticano II trouxe uma renovação para a Igreja Católica Apostólica Romana, deixando claro que todos os cristãos são responsáveis pela evangelização, principalmente diante das dificuldades dos novos tempos.

A busca pela unidade religiosa com as demais igrejas cristãs levou o Vaticano a fortalecer o diálogo ecumênico de respeito às diferenças e destaque aos elementos comuns entre os cristãos. Outro aspecto eclesiológico importante do

Concílio foi a superação de uma visão dogmática. Nas palavras de César Teixeira e Antônio Silva (2010),

Neste sentido, a perspectiva eclesiológica do Concílio trouxe a superação de uma visão dogmática para uma concepção hermenêutica da Igreja, que se deu pela substituição da *ortodoxia* para os *significados* das coisas. O Concílio desenvolveu uma síntese dialética entre a ontologia e a história, isto é, superou o pensamento abstrato para interpretar os valores da história e tornar-se uma Igreja para todos, na história. (Teixeira, Silva, 2010, p. 25)

O documento que retirou Bárbara e outros santos do calendário universal dos católicos foi uma das medidas adotadas pelo pontífice que encerrou o Concílio Vaticano II. Reflexo dessa eclesiologia que valoriza os fatos na história da salvação da humanidade, como veremos a seguir, o decreto papal é mais uma tentativa de levar os leigos a uma plena unidade com Cristo, o Deus que se fez homem e viveu entre os humanos.

A Carta Apostólica de Paulo VI⁵, publicada em 14 de fevereiro de 1969, sob forma de *Motu Proprio*⁶, aprovando as normas universais do ano litúrgico e o novo Calendário Romano Geral diz que “na verdade, no decorrer dos séculos, a multiplicação das festas, das vigílias e das oitavas, bem como a complexidade crescente das várias partes do ano litúrgico, encaminharam os fiéis às devoções particulares, desviando-os um pouco dos mistérios fundamentais da nossa Redenção”.

Mais adiante, o documento papal é claro ao dizer que

Entretanto, não se pode negar que no correr dos séculos surgiram mais festas de Santos do que seria conveniente. Por isso, o Santo Sínodo ordenou: “Que as festas de Santos não prevaleçam sobre as que recordam os mistérios da salvação. Muitas destas festas sejam deixadas à celebração de cada Igreja local, nação ou família religiosa, estendendo-se somente à Igreja universal as festas que comemoram Santos de importância verdadeiramente universal”⁷

Pondo em prática esta decisão do Concílio Ecumênico, os nomes de alguns Santos foram retirados do Calendário Geral e permitiu-se que a memória de outros fosse celebrada facultativamente e se lhes prestasse o devido culto somente nas regiões em que viveram.

Paulo VI, seguindo a mesma lógica de João XXIII, dá continuidade às reformas que começaram com o Concílio Vaticano II. Nesse documento, ao modificar o calendário litúrgico, o então pontífice valorizou o domingo como festa cristã por excelência, dia de renovar o mistério pascal (paixão, morte e ressurreição

de Jesus), suprimindo a celebração de alguns santos e incluindo outros “mais modernos”. Em verdade, no texto, não há referência à exclusão de santos por dúvidas quanto à sua real existência, mas uma reflexão sobre a modernidade da devoção aos santos que devem servir de exemplo aos fiéis, levando-os a participarem mais fervorosamente do mistério pascal de Cristo.

Segundo o periódico *Correio da Manhã* (11/05/1969),

A revisão do Calendário foi recomendada pela maioria de quase dois terços dos 2.500 bispos que assistiram ao Concílio Ecumênico Vaticano Segundo, de 1962-65. (...) [Os bispos] Acrescentaram que as festividades universais deveriam estender-se apenas aos “santos que são verdadeiramente de significação universal” (*Correio da Manhã*, 1969, p. 3)

Ainda de acordo com a Carta Apostólica, o novo Calendário Romano Geral é “mais adaptado à mentalidade e à sensibilidade religiosa do nosso tempo, e mais condizente com o espírito universal da Igreja”. Ao excluir santos de bastante devoção popular do calendário, Paulo VI parece exortar os católicos a não perderem o foco em Jesus, centralidade da fé cristã, alertando que os santos são apenas intermediários na relação com Deus.

Tal atitude agradou os protestantes que são contra o culto aos santos e, em 1969, além de Bárbara, santos como Jorge, Filomena, Cristóvão, Lázaro, entre outros, deixaram de ser celebrados de forma universal pela Igreja Católica. O decreto papal reduziu a quantidade de santos de veneração geral, rebaixando outros para uma categoria de devoção facultativa. Cerca de 200 santos eliminados desse calendário fazem parte dos primeiros séculos cristãos.

O caso dos “santos cassados” gerou grande repercussão pelo mundo inteiro, tendo em vista que alguns desses santos eram padroeiros nacionais, possuíam igrejas dedicadas à sua devoção, sem falar nos milhares de fiéis que foram batizados (e consagrados) a santos como Jorge, Bárbara, Cristóvão, etc. A comoção popular fez com que o Vaticano encontrasse uma solução: nas localidades onde a “conveniência pastoral” recomendasse, os santos integrariam apenas os calendários locais.

No jornal *A Tarde* (06/12/1971), o articulista W.F.O. escreveu na ocasião da festa de Santa Bárbara daquele ano que:

Esta [Santa Bárbara], segundo me consta, chegou a ser em época recente cassada, perdendo seus privilégios de santidade. Do mesmo

modo que São Jorge e muitos outros santos católicos. Iansã, porém, o orixá dos ventos e das tempestades, continua a sustentar a irmã de criação e a assegurar, por seus próprios méritos, a continuação do seu culto. (A Tarde, 1971, p. 4)

Bem antes disso, no século XIII, um livro escrito pelo frade dominicano Jacopo de Varazze já dava indícios que a existência de Santa Bárbara, por exemplo, não era reconhecida pela Igreja Católica Apostólica Romana. Durante a Idade Média, o seu livro *Legenda áurea* era mais difundido que a própria bíblia e relatava a vida dos santos cristãos. Como Bárbara teoricamente viveu no séc. III d.C. deveria ter sua biografia relatada nesse livro, mas não há nenhum registro nele sobre a vida da mártir degolada pelo pai.

Por mais que a Igreja busque fatos históricos que comprovem a existência dos homens e mulheres que se tornaram santos, a fé está além da objetividade da ciência e o que importa mesmo para os fiéis é a crença no(s) seu(s) santo(s) de devoção. Nas palavras de Monique Augras (2005): “Medo da morte e do sofrimento, desejo da vida eterna. O cristão comum precisa inventar modelos bem afastados do seu cotidiano para, ao mesmo tempo, reafirmar o valor do santo e fortalecer o seu próprio ânimo. O relato da vida dos mártires se transforma em lenda” (Augras, 2005, p. 17). Ainda que lendárias, as histórias miraculosas das vidas dos santos exercem um papel fundamental na vida do fiel que sempre invoca santos como Bárbara e Jorge, por exemplo, nos momentos de intempéries (não só climáticas, mas principalmente pessoais) e para vencer os “dragões” que enfrenta na vida.

3. A devoção a Santa Bárbara em Salvador-BA

Como vimos, a história muito antiga e cercada de uma bruma lendária não impediu que o culto a Santa Bárbara chegasse nos dias atuais com devotos espalhados por várias partes do mundo. No caso do Brasil, parece que a devoção a essa mártir chegou primeiro na Bahia, em Salvador, no ano de 1641, através de um casal português.

A festa de Santa Bárbara é um bom exemplo de homenagem que se expandiu independentemente do clero. O culto a Mártir teve início em Salvador, no século XVII, por iniciativa de um casal português, Francisco Pereira Lago e Andressa Araújo. Eles compraram um imóvel e um terreno à Rua Portugal, na cidade baixa, e estabeleceram vários pontos comerciais que funcionavam em

regime de aluguel. No mesmo espaço, construíram uma capela para Santa Bárbara. (Couto, 2015, p. 132)

Após um incêndio em 1898 que atingiu o mercado e a capela de Santa Bárbara, a imagem foi transferida para a Igreja do Corpo Santo, também localizada na cidade baixa, até que em 1987 a imagem que se encontrava no novo mercado dedicado à santa (Baixa dos Sapateiros) foi doada à Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos). Isso aconteceu no período em que o Mercado de Santa Bárbara estava bastante deteriorado, necessitando de uma reforma.

Os herdeiros da família Pompílio de Bittencourt, proprietários do mercado, registraram em cartório a doação da imagem que ficava no estabelecimento comercial à Irmandade dos Homens Pretos, que deveria assumir a organização da festa em louvor à santa. Tanto assim que, mesmo após a conclusão da reforma do Mercado de Santa Bárbara (1997), a imagem continuou na Igreja do Rosário dos Pretos, apesar dos protestos de alguns comerciantes que queriam a devolução da santa.

Em 1998, com o apoio do padre Alfredo Dórea, então pároco da igreja, foi criada uma Devoção a Santa Bárbara no interior da irmandade. A festa que corria o risco de desaparecer no final dos anos 1980, ganhou novo fôlego a partir do momento que passou a ser organizada pela irmandade negra do Pelourinho.

Situada no Centro Histórico, a Igreja do Rosário dos Pretos é um espaço de acolhimento da religiosidade afro-brasileira e acomodou bem o culto a essa santa que foi sendo enegrecida pelos devotos baianos. Desde o surgimento dessa devoção na capital baiana, o fato de não sofrer influência direta do clero católico nem de irmandades leigas possibilitou que os próprios comerciantes, negros escravizados e libertos organizassem as homenagens à santa protetora contra os raios e trovões.

Com isso, a devoção popular fez do dia 04 de dezembro uma celebração sagrada e profana desde que se estabeleceu em Salvador. Ou seja, além de missa e procissão, ainda na época em que a festa acontecia no morgado, havia também distribuição de comida, bebida e muito samba de roda. Nesse processo de encontros e relações culturais, não só o caruru foi servido junto com o acarajé, mas a própria Santa Bárbara foi associada ao orixá Iansã.

Iansã é uma divindade de origem africana cultuada nas religiões de matriz africana, em especial o candomblé e a umbanda. Orixá do fogo, ela também domina o vento e as tempestades e era inicialmente conhecida como Oiá. Tornou-se Iansã (que significa mãe nove vezes) depois de sacrificar um carneiro e, finalmente, conseguir dar à luz nove filhos (Prandi, 2001, p. 294). Cheia de atributos, Iansã teve vários amantes: Ogum, Oxaguiã, Exu, Oxóssi, Logum Edé... até conhecer Xangô.

Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder. Por isso entregou-se a vários homens, deles recebendo sempre algum presente. (...) Ao final de suas conquistas e aquisições, Iansã partiu para o reino de Xangô, envolvendo-o, apaixonando-se e vivendo com ele para a vida toda. Com Xangô, adquiriu o poder do encantamento, o posto da justiça e o domínio dos raios. (Prandi, 2001, p. 296-297)

É bem provável que o raio, domínio que Iansã ganhou de Xangô, tenha sido um dos motivos que levou os seguidores das religiões de matriz africana a sincretizarem o orixá que teve tantos amantes com a virgem Bárbara. Além do raio que fulminou o pai da mártir e a cor vermelha (utilizada por ambas), não encontrei outras razões para tal associação. Fato é que essa devoção ganhou bastante força na Bahia, especialmente em Salvador, sendo celebrada todos os anos no dia 04 de dezembro.

Atualmente, a missa festiva acontece no Largo do Pelourinho, em um palco armado em frente à Fundação Casa de Jorge Amado. São tantos fiéis que comparecem à celebração que desde 2005 a missa precisou sair da igreja e alcançou a rua, o largo, sacralizando assim um espaço público e tornando bastante tênues as fronteiras entre sagrado e profano.

A missa campal parece potencializar ainda mais as manifestações religiosas e um diálogo religioso de dupla pertença que acaba por fundir uma divindade à outra (para muitos devotos, Santa Bárbara é Iansã, e vice-versa). Na festa de 2017, por exemplo, o próprio pároco da igreja, padre Lázaro Muniz, reforçou essa associação logo no início da celebração. Ao perceber que a multidão presente respondeu de forma tímida ao seu “Viva Santa Bárbara!”, ele imediatamente completou: “O povo parece que não tomou café hoje... Eparrei, Iansã!”

Marcas da herança africana também podem ser percebidas ao longo da missa festiva, já que todos os cânticos são acompanhados de instrumentos como

atabaque e agogô. Algumas músicas, inclusive, contêm frases ou palavras em iorubá, a exemplo do canto das ofertas: “Obá, obá, obá, recebe Olorum nossos dons”. Mais elementos desse encontro de religiões são observados no momento do ofertório. Durante a procissão das ofertas, além dos habituais cálices, hóstias, água e vinho, aparecem também os abarás, acarajés e açaças. Segundo Manuel Querino (2006), essas três comidas compõem os “alimentos puramente africanos” encontrados na Bahia desde o período da escravidão. Vale destacar que os acarajés aparecem também em cestos de palha e pequenos tabuleiros de madeira, nas mãos de várias devotas que pagam promessa distribuindo os bolinhos antes, durante e depois da missa festiva.

O acarajé é um bolinho de feijão fradinho moído, batido com cebola ralada e sal, que é frito no azeite de dendê. Manuel Querino (2006), ao descrever a receita do quitute diz ainda que

O azeite é renovado todas as vezes que é absorvido pela massa, a qual toma exteriormente a cor do azeite. Ao acarajé acompanha um molho, preparado com pimenta malagueta seca, cebola e camarões, moído tudo isso na pedra e frigido em azeite de cheiro, em outro vaso de barro. (Querino, 2006, p. 26)

O acarajé, em forma de acará (sem acompanhamentos), é o alimento votivo do orixá Iansã. Nos rituais da deusa do fogo, esse alimento está sempre presente e é distribuído pelo próprio orixá aos participantes da festa. Alguns comem, outros guardam no bolso e tem aquelas pessoas que passam o bolinho no corpo e depois o despacham, num pedido de limpeza e proteção. Os acarajés distribuídos durante a festa de Santa Bárbara no Pelourinho recebem o mesmo tratamento pelos fiéis.

Edilece Couto (2018) defende que, em Salvador, os elementos dessas diferentes religiões se unem num convívio de crenças que compõe a festa. Ela não acredita em mistura, mas em complementação religiosa.

Os fiéis entendem que, para os católicos, a hóstia é o corpo de Cristo e o acarajé, para candomblecistas e umbandistas, é o alimento de Iansã. Eles ocupam momentaneamente o mesmo espaço, estão presentes na liturgia católica, na missa, mas não se misturam, não se sobrepõem nem se confundem. São alimentos rituais que se complementam no momento em que os fiéis homenageiam Santa Bárbara e Iansã. Eles, respectivamente, representam a santa e o orixá. (Couto, 2018, p. 210)

Fato é que a riqueza da festa de Santa Bárbara, em Salvador, está justamente nessa diversidade religiosa que reúne adeptos de tantos credos em torno da figura da santa que ao mesmo tempo que morreu virgem é considerada por muitos fiéis como a esposa de São Jerônimo (santo que precede o andor de Bárbara na procissão e é sincretizado com o orixá Xangô, marido de Iansã). Seja em Bárbara ou Iansã, a fé dos devotos supera essas divergências analíticas, relativiza a separação entre santa e orixá, e renova todo ano a fé na divindade que “vem apagando o fogo e abrandando as trovoadas”.⁸

Considerações finais

Neste artigo, busquei elencar as várias versões sobre a vida de Santa Bárbara para compreender melhor como os diversos elementos presentes na sua breve vida foram ressignificados pelos fiéis e simbolizados na iconografia da santa que costuma ser representada junto com uma torre, segurando uma espada e um cálice nas mãos. O fato de ter vivido nos primeiros séculos da era cristã, aliado à falta de provas concretas quanto à sua existência, levaram Bárbara e diversos outros santos a serem retirados do Calendário Romano Geral.

Como dito, isso aconteceu na segunda metade do século XX, logo após a conclusão do Concílio Vaticano II, quando a Igreja Católica passou por um grande processo de avaliação, que gerou uma reformulação no seu modo de ser e estar no mundo. Buscando o diálogo ecumênico e a unidade entre os cristãos, o pontífice Paulo VI foi o responsável pela publicação dessa Carta Apostólica em 1969.

O episódio que ficou conhecido como o caso dos “santos cassados” gerou bastante repercussão em várias partes do mundo. Apesar disso, a decisão do Vaticano não alterou a devoção aos santos que deixaram de ser universalmente cultuados pela Igreja Católica. Bárbara, Jorge, Cosme e Damião (para ficar entre os santos mais populares entre nós) possuem milhares de fiéis no Brasil e continuam sendo requisitados pelos devotos para resolver causas das mais variadas.

Em Salvador, a devoção a Santa Bárbara agregou outros elementos a partir da sua associação com o orixá Iansã. A transferência da devoção para a Igreja do Rosário dos Homens Pretos só fez corroborar esse processo de encontro afro-católico que resulta em uma das festas mais populares da capital baiana, com

características bem próprias como a distribuição de acarajés e carurus durante o festejo.

Para concluir, como tentei demonstrar ao longo do texto, é importante salientar que a devoção aos santos no formato que desenvolvemos no Brasil é algo tão íntimo, pessoal, particular que está acima das prescrições impostas pela Igreja Católica. Prova disso é a fé demonstrada anualmente no dia 4 de dezembro, quando centenas de fiéis se vestem de vermelho e se dirigem ao Centro Antigo de Salvador para saudar Santa Bárbara com gritos de “Eparrei, Iansã!”.

Referências bibliográficas

- AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem-vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- CONTI, Servilio. *O santo do dia*. 10. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COUTO, Edilece. Festas afro-católicas em Salvador, Bahia, Brasil. *Revista del CESLA*, nº 18, 2015, p. 117-142.
- _____. Festa de Santa Bárbara e Iansã: os baianos entre fronteiras tênues e complementação de crenças. *Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH*, Ano XI, nº 31, 2018, p. 203-219.
- TEIXEIRA, César.; SILVA, A. W. C. . Eclesiologia do Concílio Vaticano II. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 4, p. 17-28, 2010.
- TOMMASI, Tarcila. *Santa Bárbara*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- NASCIMENTO, Jussara Rocha. A Bárbara da Antiguidade. In: Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. *Festa de Santa Bárbara* (Cadernos do IPAC, 5). Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2010.
- PRANDRI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- QUERINO, Manuel. *A arte culinária na Bahia*. Salvador: P555 Edições, 2006.
- VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Jornais consultados:

- A Tarde, edição 05/12/1970. “Festa de Iansã é a maior”.
- A Tarde, edição 06/12/1971. “Iansã”.
- Correio da Manhã, edição 11/05/1969. “Queda de santos é explicada”.

¹ Segmento da teologia cristã voltada à doutrina da Igreja Católica.

² Outra versão da história indica que a santa nasceu na Síria (Ásia Ocidental). Para mais informações, consultar AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem vindos* (2005). Sobre a Nicomédia, a cidade turca que tinha este nome na Antiguidade Clássica, hoje é conhecida como İzmit e fica a cerca de 100 km de Istambul.

³ Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_barbara.html>. Acesso em 12 jul. 2018.

⁴ Constituição dogmática do Concílio Vaticano II que faz uma reflexão sobre a Igreja Católica Apostólica Romana a partir de 8 eixos (capítulos): o mistério da Igreja, o povo de Deus, a constituição hierárquica da Igreja, os leigos, a vocação de todos à santidade, os religiosos, a escatologia da Igreja peregrina, e Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em 12 jul. 2018.

⁵ Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690214_mysterii-paschalis.html>. Acesso em 12 jul. 2018.

⁶ O papa escreveu esse documento em *Motu Proprio* utilizando-se da prerrogativa de ser o único monarca absoluto do planeta, com poderes legislativo, judiciário e executivo. Para a Igreja Católica Apostólica Romana, o seu poder é imediato, pleno e universal. Através de documentos em formato de *Motu Proprio* o pontífice faz uso do seu poder legislativo, instituindo leis que toda a Igreja deve respeitar e seguir.

⁷ Cf. Conc. Vaticano II, *Const. sobre a Sagrada Liturgia*, SC, n° 111, AAS 56 (1964), p. 127

⁸⁸ Trecho do Hino de Santa Bárbara.

Recebido em 10/03/2019, revisado em 29/10/2019, aceito para publicação em 07/12/2019.